

A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009)

João Carlos de SENNA-MARTINEZ* e Elsa LUÍS**

1. Localização e Ambiente

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso constituído por xistos anfibolíticos situado na vertente noroeste da Serra de Bornes na elevação conhecida localmente como Monte do Vilar, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, sede da freguesia do mesmo nome, concelho de Macedo de Cavaleiros.

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a sudeste e noroeste (Abreiro, Carrapatas e Vale Benfeito), célebres pelos depósitos de alabardas aí encontrados (Bártholo, 1959).

rencial altimétrico que implantámos num ponto dos afloramentos do topo desta vertente são: Longitude 99 122,194 e Latitude 203 403,721 GAUSS, para uma altitude de 870,856 m, na folha 78 da CMP 1/25000 (figs. 1 e 2).

A Nor-Noroeste desenvolve-se uma plataforma em declive suave que constitui a área que designámos como Sector A onde implantámos um referencial ortogonal com o eixo dos y orientado segundo o norte magnético cobrindo uma área de 15m por 20m correspondente à parte norte do topo do cabeço.

O cabeço é limitado a poente e nascente pelos vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha.

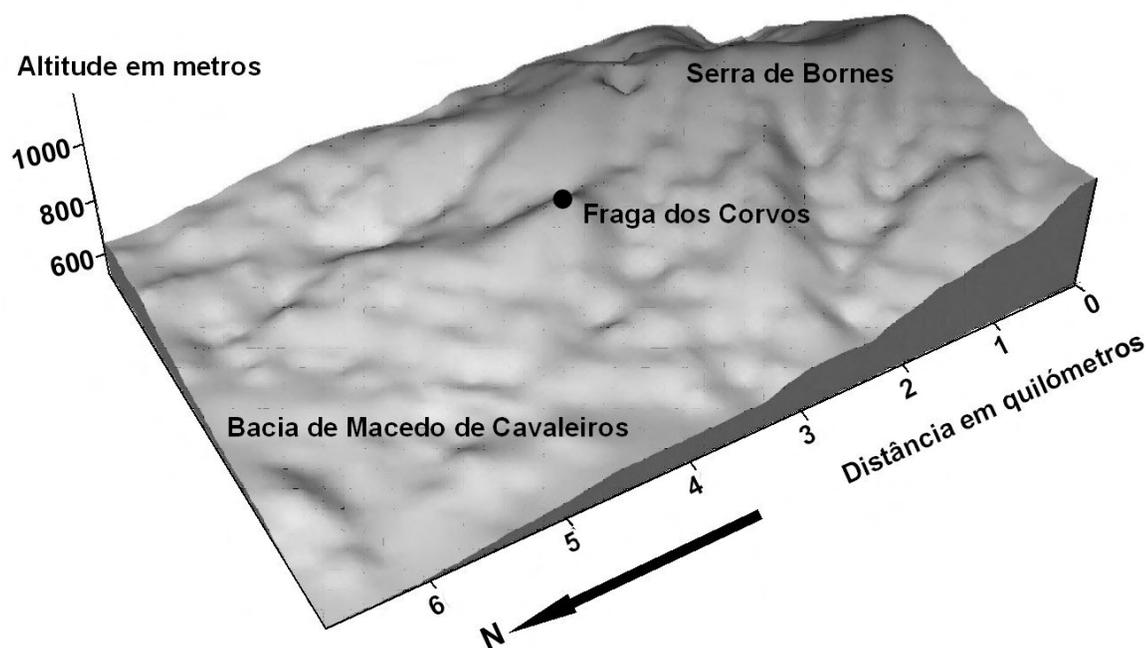


Fig. 1 – Bloco diagrama de parte da Bacia de Macedo de Cavaleiros com a localização da Fraga dos Corvos.

Na base de dados do IPA, sob o CNS 6650, consta como um “... povoado fortificado de grandes dimensões, situado no topo de um grande monte, sobre a aldeia de Vilar do Monte, nos contrafortes ocidentais da serra de Bornes...”.

O cabeço é limitado a Noroeste por uma vertente bastante abrupta de rocha onde se abrem dois abrigos. As coordenadas do refe-

2. Antecedentes da intervenção de 2009

O sítio da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatção que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O Sector A – Ao fim da sexta campanha (2008) o Sector A deste arqueossítio era caracterizável como um povoado de cabanas sub-circulares ou elipsoidais. As primeiras (Cabanas 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10 e 12) apresentam cerca de três metros de diâmetro, sendo delimitadas por 13 a 14 buracos de poste perimetrais e um central, de maior diâmetro; as de tipo elipsoidal (Cabanas 4 e 5) são maiores, a Cabana 4, com eixos de 4m por 3,2m, é delimitada por 20 buracos de poste

* Professor Associado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Centro de Arqueologia (Uniarq) e Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Cidade Universitária, Campo Grande, 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt

** Licenciada em Arqueologia e História pela F.L.U.L., Mestranda em Arqueologia, F.L.U.L. elsavluis@gmail.com

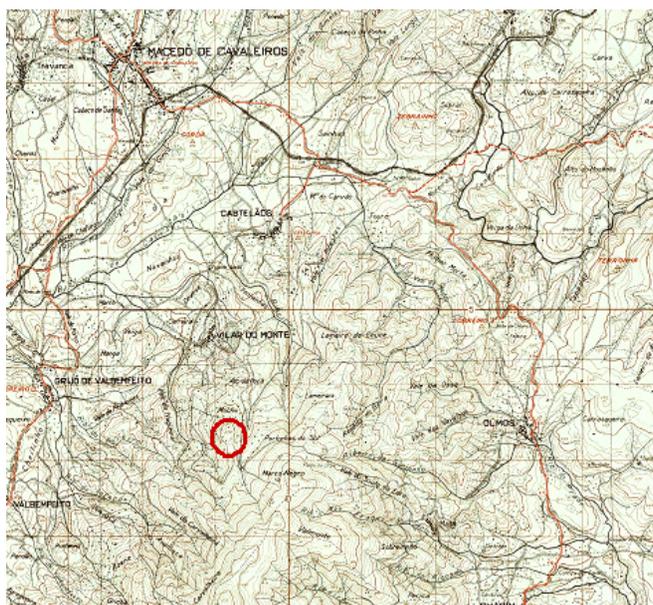


Fig. 2 – Localização da Fraga dos Corvos na Folha 78 da CMP 1/25000.

perimetrais, apresentando também um central, equivalente aos das demais cabanas, a Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos de 4,6m por 4,3m e limitada por 21 buracos de poste perimetrais e seis interiores, apenas foi totalmente definida na campanha de 2006.

Na área da Sondagem 3 foi possível identificar, junto ao limite sul da Cabana 4, uma estrutura negativa de planta ovalada, cheia por terras obscurecidas e restos de cinzas, a oeste da qual foram recolhidos três “nódulos” metálicos, posteriormente identificados pela equipa de Arqueometalurgia do ITN¹ como tratando-se de prováveis nódulos de redução (“prills”) num bronze binário (Cu+Sn), bem como um fragmento de cadinho com aderências incluindo igualmente vestígios destes metais, tendo assim servido para a fundição de bronze, 71 fragmentos de elementos vitrificados sem traços de cobre ou estanho, 2 fragmentos de moldes em xisto e um fragmento de lâmina de bronze (cf. Senna-Martinez, et al. 2007). Este conjunto de dados permitia assim interpretar a estrutura composta pelas UEs.57/58 como uma “caixa-de-areia” e a extremidade sul da Cabana 4 como uma “área de fundição”.

Já no lado oeste da Cabana 4, foi identificado um espaço sub-quadrangular que enquadrava uma estrutura negativa de planta irregular [UE.221] preenchida por terras argilosas avermelhadas, com abundantes termoclastos (lareira) incluindo três fragmentos de moldes, um dos quais uma tampa de molde rectangular quase completa. Desta área provêm igualmente alguns elementos pétreos vitrificados.

A Cabana 4 juntamente com este “alpendre” a que chamámos “Cabana 6” configura assim um espaço dedicado a actividades de fundição de bronze, em pequena escala, com uma fornalha/lareira exterior (sob alpendre), onde os cadinhos poderiam ser aquecidos, e uma caixa de areia no interior da Cabana 4 onde os moldes poderiam ser preenchidos com metal em fusão. Naturalmente, o espaço entre “fornalha” e “caixa de areia” encontrava-se “pingado” de restos diversos, incluindo os nódulos de metal e elementos não-metálicos vitrificados que atestam temperaturas da ordem dos 1200° (Geirinhas, et al. no prelo).

A Cabana 5 configurava-se também como outra área evidenciando algumas possíveis actividades ligadas à metalurgia. Nomeadamente, pela concentração no seu lado oeste de elementos não-metálicos vitrificados e um fragmento de arame metálico (Cu).

A oeste desta Cabana foram identificadas duas novas estruturas

habitacionais: a Cabana 8, posterior à Cabana 5 e a Cabana 9, possivelmente contemporânea da Cabana 5. Foi igualmente nesta área que se recolheram dois bordos de “vasilha-forno”, analisados pela equipa do ITN, tendo um deles revelado vestígios de cobre e estanho, ou seja, possibilitando considerar a co-redução de minérios de cobre e estanho e, conseqüentemente, a produção local de bronze.

A uma primeira proposta de faseamento e compreensão sincrónica dos momentos de utilização das cabanas, seguiu-se à campanha de 2008, a qual, através do alargamento da área da Sondagem 2 para 72m² (quadrados HI/11-14 a oeste e KLM/9-7 a sul), permitiu um mais assertivo estabelecimento de uma sequência de ocupações.

A primeira ocupação identificada do sítio (Fase I) é apenas constituída pelos restos dos buracos de poste que definem a Cabana 7, que cortam a UE.109=278 e de que não resta qualquer vestígio de pavimento.

Segue-se uma ocupação com estruturas mais preservadas, a Fase II, correspondendo à utilização das Cabanas 3, 8, 10 e 12, todas elas identificadas ao nível da UE. [109=278]. A Cabana 10, situada no extremo oeste da área aberta, apresenta-se como uma estrutura sub-circular delimitada por 7 buracos de poste [UEs. 321, 323, 325, 327, 339, 341, 345] que se devia prolongar a oeste para a área então ainda não aberta, uma vez que um buraco de poste [UE.416] localizado junto ao corte limite parece constituir o respectivo central. Definimos as respectivas estruturas e enchimentos [UEs. 322,324, 326, 328, 340, 342, 346 e 417] – terras soltas entre o castanho-escuro (10YR3/3) e o castanho-amarelado escuro (10YR3/4). A Cabana 12, na zona sul da área de escavação, de planta sub-circular, foi definida por um conjunto de 11 buracos de poste perimetrais [UEs. 347, 349, 351, 353, 355, 357, 359, 361, 365, 369 e 399] e um central [UE.363]. Também aqui são a respectiva estrutura e enchimento [UEs. 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 370 e 400] – terras soltas entre o castanho escuro (10YR3/3) e o castanho amarelado escuro (10YR4/4) – que permitem a sua fácil identificação.

A Fase III é constituída pela UE.151=280 na qual se integram algumas estruturas habitacionais: as Cabanas 5, 9, 11, 13 e 14. A Cabana 11 apenas apresenta um conjunto de 5 buracos de poste [UEs. 319, 329, 331, 333 e 371] que encostam ao limite sul da área aberta. A Cabana 13, parcialmente delimitada através de um arco de 9 buracos de poste perimetrais [UEs. 381, 383, 385, 389, 391, 393, 397, 401, 433] situa-se a sul da Cabana 9 e esconde-se sob os limites oeste e sul da área escavada. Por último, a Cabana 14 apresenta um pequeno arco de 4 buracos de poste cortando o ângulo NE da periferia da Cabana 12 [UEs. 418, 420, 422, 424], revelados a partir da respectiva forma e enchimentos – [UEs. 419, 421, 423 e 425] terras soltas castanho escuras (10YR3/4) – não tendo sido possível detectar-lhes qualquer continuidade podendo, aparentemente, pensar-se que terá sido destruída pela Cabana 5.

Uma possível outra fase de ocupação poderá ser constituída pela UE. [157], que inclui a área ocupada pela Cabana 1, ainda por escavar.

Foi ainda possível, no decurso de 2008, desenvolver um primeiro estudo de proveniência para o cobre utilizado neste arqueossítio (Geirinhas, et al. no prelo) que nos permite afirmar a existência de duas fontes com assinaturas isotópicas diferenciadas, uma das quais poderá corresponder a mineralizações estudadas na área da Foz do Azibo a um dia de marcha da Fraga dos Corvos.

Na campanha de 2009 procurámos, através do alargamento a oeste da área aberta da Sondagem 2 do Sector A, continuar a investigar as novas estruturas identificadas e sua extensão.

3. A Campanha 7 (2009)²

Esta campanha tinha como objectivo principal o alargamento da Sondagem 2 de forma a compreender eventuais continuidades estra-

¹ A equipa é formada pelos investigadores: Prof.ª Doutora Fátima Araújo, Mestre Pedro Valério e Dr.ª Elin Figueiredo que integraram o Projecto Metabronze (POCI/HAR/58678/2004) financiado pela FCT (2006/2009) e por nós coordenado.

² Participaram desta campanha, além dos signatários, um conjunto de alunos da Universidade de Lisboa: Ana Sofia Martins Viana, Bruno Miguel Martins da Costa Rebelo, Daniela Filipa Mirote de Matos, Débora Bettencourt Mota, Dóron Araújo, Liliã Paixão dos Anjos, Maria Helena Lopes Barbosa.



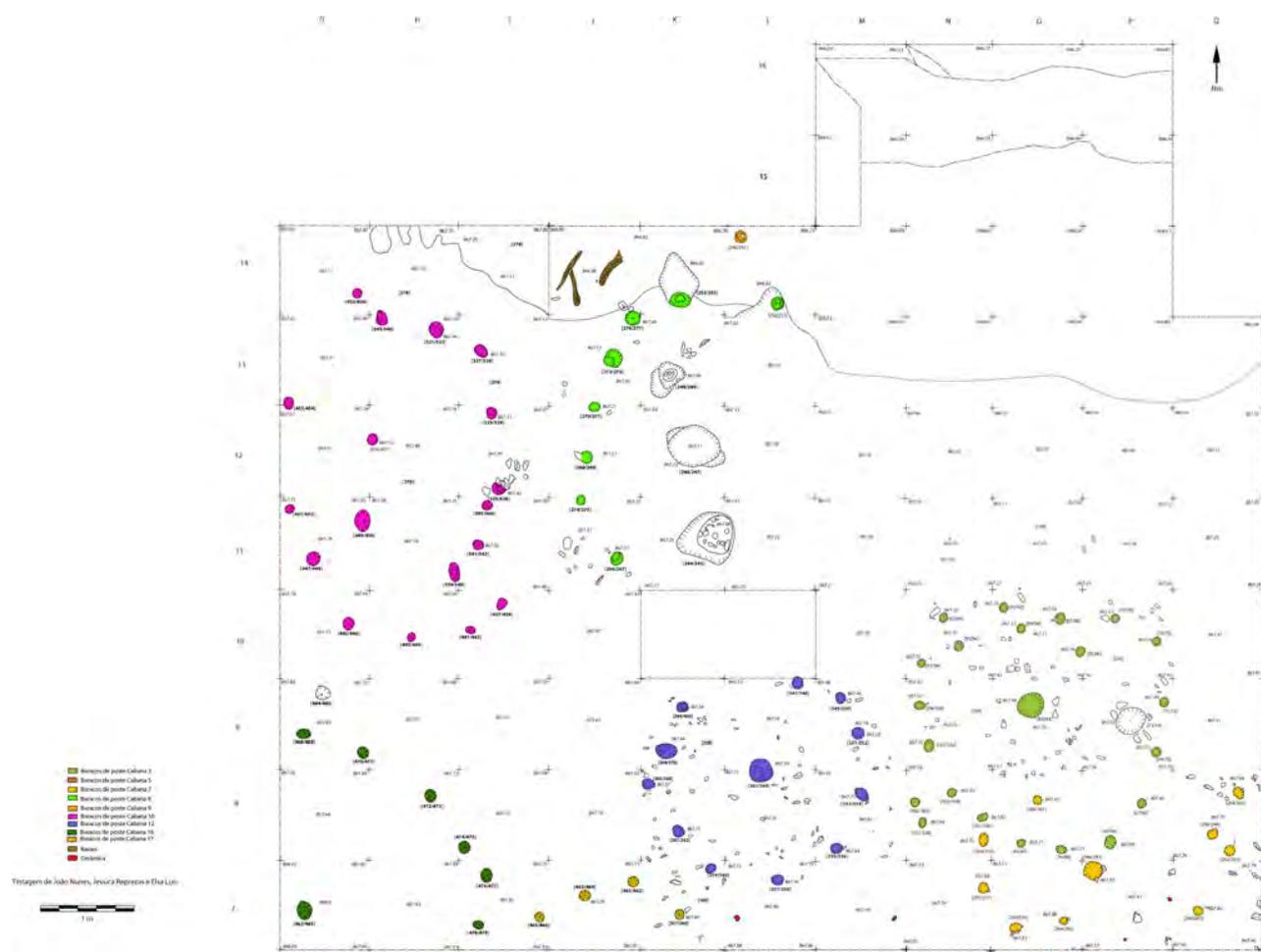


Fig. 3 – Planta ao nível da interface superior da UE. 109=278, com as estruturas negativas das Fases 1 e 2 detectadas. “Cabanas”, 3, 7, 8, 10, 12, 16 e 17.



Fig. 4 – A área aberta na Campanha 7(2009), vista de Norte para Sul.



tigráficas para oeste, procurando uma leitura sincrónica dos momentos de utilização das Cabanas respectivas.

A área intervencionada da Sondagem 2 foi assim ampliada a oeste para os quadrados G/H/I/J/7/8/9/10 (16m²) e G/11/12/13/14 (4m²), passando a área total desta sondagem para 93m².

3.1. As duas primeiras fases identificadas.

Removida a UE.0 e alcançada a interface para a UE.109=278, pudemos verificar que não havia evidência, na nova área aberta, de qualquer estrutura correlacionável com a Fase 1. Imediatamente sob a UE.0, definindo-se a partir da interface superior da UE.109=278, começaram a desenhar-se arcos de novos buracos de poste, configurando o restante perímetro da Cabana 10 bem como de outras duas estruturas semelhantes, Cabanas 16 e 17 (Figs. 3 e 4).

Cabana 10 – Esta estrutura ficou assim definida por um conjunto de 15 buracos de poste, 15 perimetrais [UEs. 321, 323, 325, 327, 339, 341, 345, 395, 441, 443, 445, 447, 451, 453 e 457] e um central [UE. 416], configurando um espaço elíptico com aproximadamente 3,5 m de comprimento N/S por 2,5 m de largura W/E.

A respectiva detecção foi possibilitada pelas respectivas estruturas e enchimentos [UEs. 322, 324, 326, 328, 340, 342, 346, 396, 442, 444, 446, 448, 452, 454, 458 e 417] – terras soltas entre o castanho-escuro (10YR3/3) e o castanho-amarelado escuro (10YR3/4).

As cotas médias do fundo dos respectivos buracos de poste aproximam-se dos da Cabana 3 confirmando a respectiva pertença a uma mesma fase.

Cabana 16 – Definida a partir de um arco de seis buracos de poste [UEs. 468, 470, 472, 474, 476 e 478] e correspondendo ao ângulo sudoeste da área aberta (Fig. 5), quadrados GHI7/9, o buraco de poste [UE. 482] poderá ser o respectivo central pelo que poderá ter forma sub-circular com cerca de 2,5 m de diâmetro, estendendo-se para sudoeste da área aberta.

A respectiva detecção foi possibilitada pelas respectivas estruturas e enchimentos [UEs. 469, 471, 473, 475, 477, 479 e 483] – terras soltas castanhas escuras (10YR3/3).

Cabana 17 – Um pequeno arco de quatro buracos de poste [UEs. 367, 461, 463 e 465], no limite sul da área aberta, quadrados IJK7, configura uma nova estrutura que designámos como Cabana 17. Preenchem-nos terras soltas entre o castanho-escuro (10YR3/3) e o castanho-amarelado escuro (10YR3/4) [UEs. 368, 462, 464 e 466].

Uma vez desenhadas as plantas de interface superior da UE.109=278, os buracos de poste das Cabanas 10, 16 e 17 foram preenchidos com poliuretano expandido de modo a possibilitar a obtenção do respectivo molde e prosseguir com o desmonte daquela UE.

A desmontagem da [UE.109=278] permitiu recolher diverso material, nomeadamente olaria fragmentada, em tudo comparável ao recolhido em anteriores campanhas.

3.2. A fase 3.

Desmontada a UE.109=278, foi exposta a interface superior da UE.151=280 (tal como a UE.109=278 também já identificada em anteriores campanhas) a partir da qual pudemos identificar novas estruturas negativas correspondentes a buços de poste que permittem definir o lado poente da Cabana 13 e dois novos conjuntos que consideramos corresponderem a duas novas Cabanas a 18, com a respectiva planta já completa e a 19 de que apenas localizámos um pequeno arco com três buracos de poste, no limite sul ocidental da área aberta (Figs. 6 e 7).

Cabana 13 – Esta cabana, de planta elíptica com cerca de 3m no sentido N/S e 2,5m no sentido E/W, é delimitada por 17 buracos de poste [UEs. 381, 383, 385, 389, 391, 393, 397, 401, 433, 495, 505, 531, 533, 539, 541 e 543].

Os enchimentos – [UEs. 382, 384, 386, 390, 392, 394, 398, 402, 434, 496, 506, 532, 534, 540, 542 e 544] terras soltas entre o castanho-escuro (10YR3/3) e o castanho-amarelado escuro (10YR3/4) – e as formas dos buracos de poste respectivos permitiram uma detecção fácil destas estruturas negativas.

Cabana 18 – Na extensão sudoeste da área aberta este ano, quadrados GHIJ7/10, um arco elíptico de 16 buracos de poste pe-



Fig. 7 – A interface superior da UE. 151=280, com os buracos de poste das “Cabanas” 13, 18 e 19 escavados e preenchidos a poliuretano expandido.



Fig. 8 – O “ravinamento” [UE. 537] após remoção do respectivo enchimento [UE. 538].

rimetrais [UEs. 493, 497, 499, 501, 503, 507, 509, 511, 513, 517, 519, 521, 523, 527, 545 e 561] e um central [UE. 515], facilmente detectáveis a partir da respectiva forma e enchimentos – [UEs. 494, 498, 500, 502, 504, 508, 510, 512, 514, 518, 520, 522, 524, 528, 546, 562 e 516], terras soltas de cor castanho-escuro (10YR3/3) – definem nova cabana.

Cabana 19 – Um pequeno arco de apenas três buracos de poste [UEs. 525, 529 e 535], preenchidos por terras soltas de cor castanho-escuro (10YR3/3), localizados no limite sudoeste da área aberta nesta campanha, indiciam nova estrutura complexa deste tipo que se prolongará para além dos limites sul e ocidental da área já escavada.

No ângulo noroeste da área escavada detectámos o que inicialmente pensámos fosse uma fossa [UE. 537], preenchida por terras [UE. 538] pouco compactas castanho-escuro (10YR3/3), contendo pedra miúda e alguns cacos rolados. O facto de se prolongar para norte da área aberta, no sentido do maior declive do terreno, e a sua própria configuração uma vez escavado o preenchimento, levam-nos a interpreta-la como resultado de um ravinamento devido a erosão e posteriormente preenchido (Fig. 8).

A Fase 3 nesta sondagem (Fig.6) engloba deste modo as **Cabanas 5, 9, 11, 13, 14, 18 e 19** com os respectivos solos integrados na UE.151=280.



Fig. 9 – Contas discoidais em xisto FCORV-A 2530 e 2304 da UE. 151=280.

Após o preenchimento dos novos buracos de poste com poliuretano expandido, a desmontagem deste “solo” [UE.151=280] permitiu recolher diverso material: nomeadamente olaria fragmentada; duas contas pequenas discoidais em xisto (Fig. 9); um fragmento de talcoxisto com evidência de polimento, parte de um provável idólio; um pendente em talcoxisto quebrado pela perfuração e gravado com uma cabeça de cavalo (Fig. 10).

Sob a UE.151 e limitada ao lado oeste da área aberta da Sondagem 2, quadrados GH7/12, I8/14 e J8/13 (Fig. 11) aflora uma camada [UE.287] de terras castanho-amareladas escuras e compactas (10YR4/4). Contém oito estruturas negativas próprias – os buracos de poste UEs. 559, 565, 567, 569, 571, 573, 583 e 585, preenchidos pelas UEs. 560, 566, 568, 570, 572, 574, 584 e 586 (terras soltas castanho-escuro – 10YR3/3).

Na extremidade norte a UE.287 é cortada por uma fossa não muito profunda [UE.579], centrada em G13/14, e preenchida por terras castanho-acinzentadas escuras pouco compactas [UE.575], com alguma pedra miúda, incluindo termoclastos.

Após o preenchimento dos buracos de poste com poliuretano expandido, a desmontagem da UE.287 revelou alguns materiais arqueológicos significativos no seu interior, incluindo um fragmento de bordo de uma provável taça tipo “Cogeces” (Fig. 12 – FCORV-A 2841).

O número restrito de estruturas negativas identificadas e a sua dispersão não permite tecer grandes considerações contextuais, para além do facto desta camada se apresentar restringida ao lado ocidental da área aberta na Sondagem 2 e de ser muito pouco espessa no limite oriental dificultando a definição precisa da respectiva extensão. Aumenta de espessura para oriente mas raramente ultrapassando os 2 cm.



Fig. 10 – Fragmento de “pendente” em talcoxisto polido com uma cabeça de cavalo gravada no anverso [FCORV-A 2699].



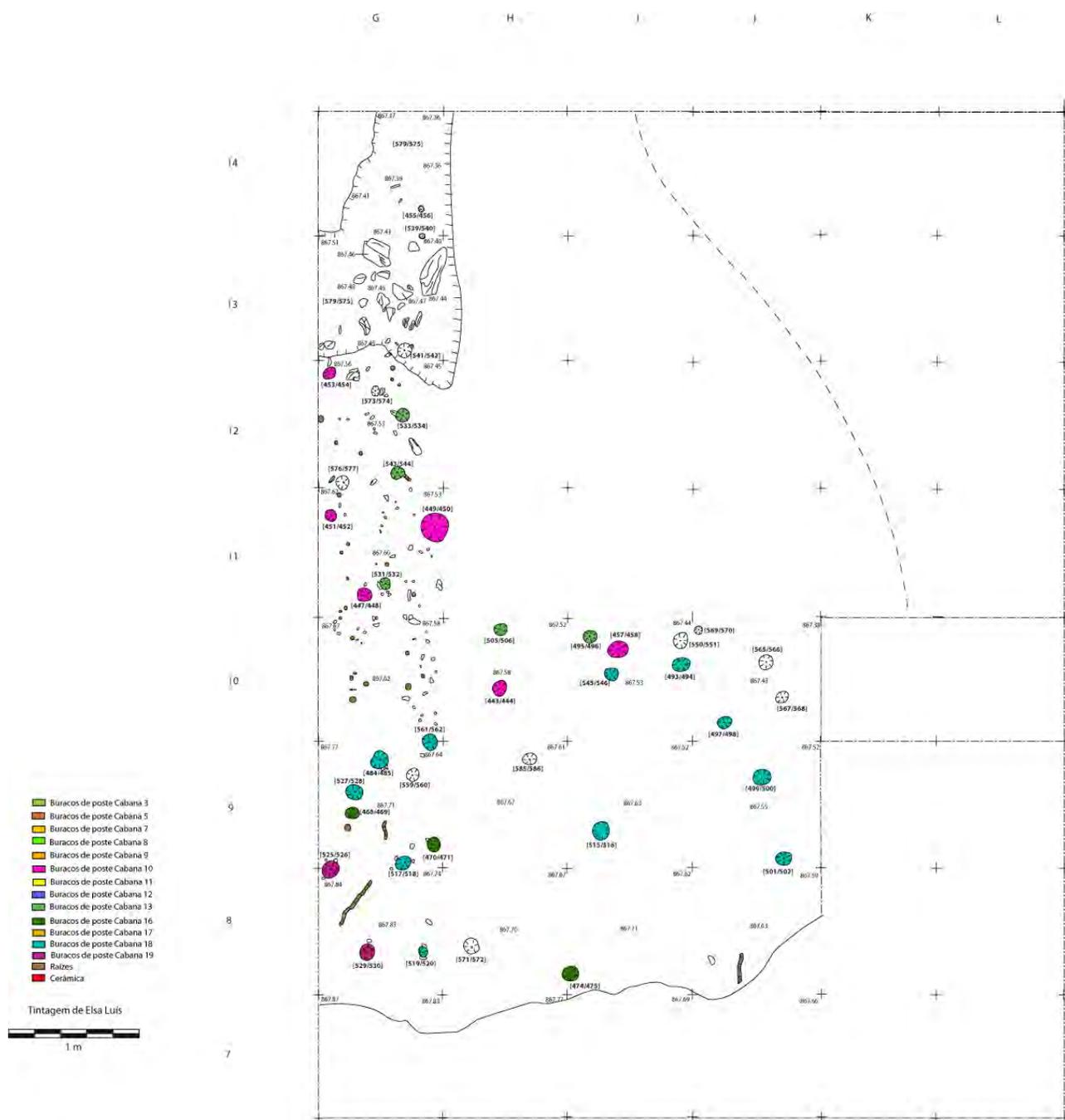


Fig. 11 – Planta de interface superior da UE. 287.



Fig. 12 – Fragmento de bordo de taça tipo “Cogeces” (FCORV-A 2841).

3.4. A Fase 5.

Sob a UE.287 surgiu então a UE.152, já anteriormente descrita, corresponde a terras castanho-escuras (10YR3/3) argilosas e compactadas que em toda a parte oriental da área aberta recobrem o empedrado de base (Fig. 13).

Ainda na campanha de 2008, tinha sido detectada, na interface superior desta UE e junto ao limite ocidental da área então aberta, quadrado K8, parte de uma zona de barro cozido [UE. 437] configurando um fundo de lareira. De facto, a extensão para ocidente da área então aberta veio revelar a respectiva continuidade para J8. Constitui assim uma área com 80 cm no sentido oeste/este por 60 cm no sentido norte/sul, provavelmente correspondendo ao pavimento de uma zona de lareira, delimitada por um arco pético que aflora a ocidente e no lado oriental é recoberto pela UE.152 que aqui apenas tem escassa espessura (Fig. 16). A superfície cozida e rubefacta [UE. 437] apresenta-se razoavelmente conservada, sobretudo na respectiva metade oriental. Após registo, esta superfície foi consolidada com uma solução de paraloide e gaze para moldagem e levantamento em posterior campanha.

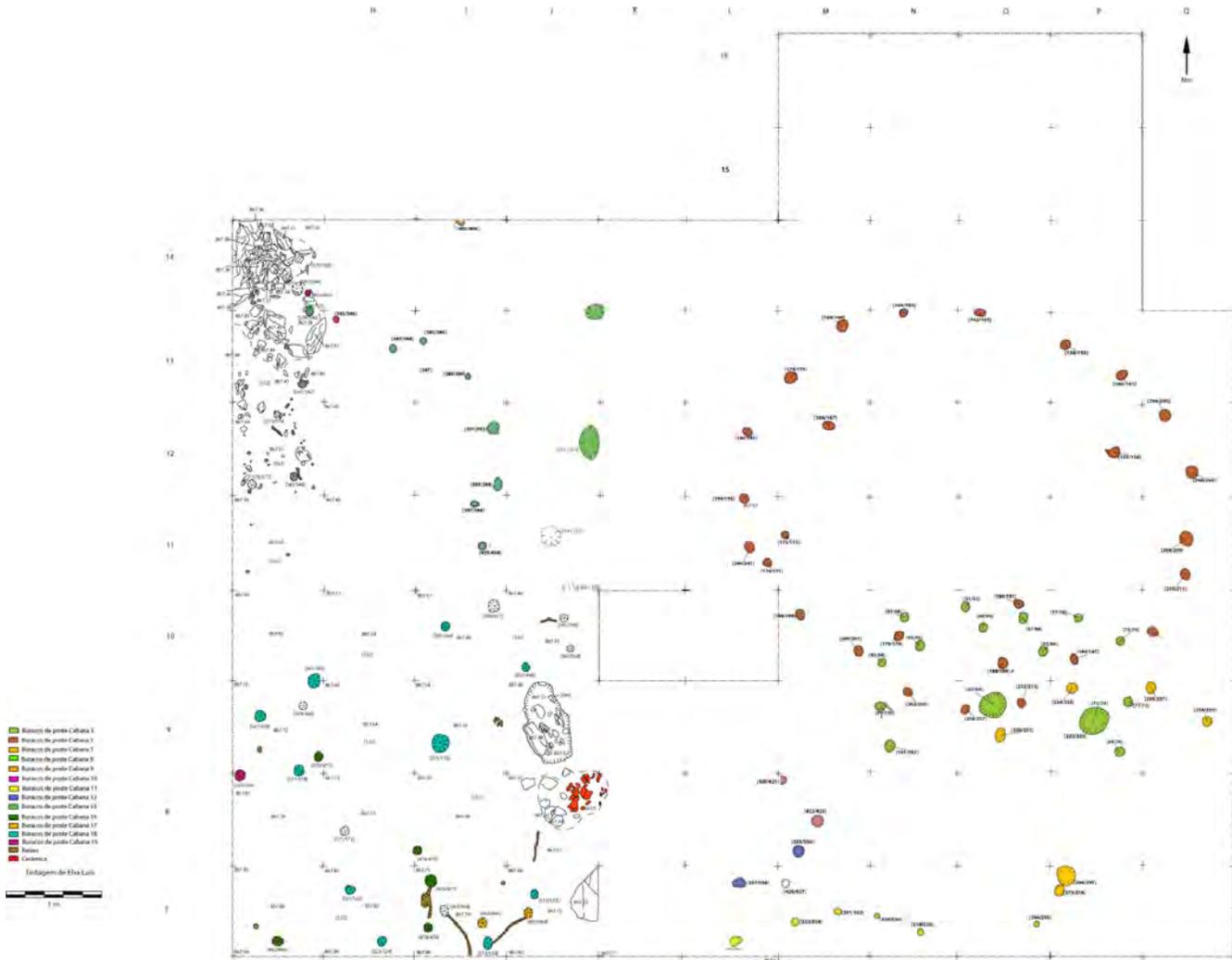


Fig. 13 – Planta de interface superior da UE.152.

Adjacente a norte à “lareira”, quadrado J9, identificámos uma fossa [UE. 590], com 90cm no sentido norte/sul por 45cm no sentido oeste/este, cuja escavação revelou, de cima para baixo, os seguintes preenchimentos:

UE. 589 – Terras duras compactas castanho-avermelhadas (5YR4/4) rubefactas, com pedra miúda e olaria quebrada, por vezes em associação (Fig. 16).

UE. 591 – Terras de compactação média, castanho-amareladas escuras (10YR4/4), com alguns termoclastos e diminutos carvões. Continham alguma olaria fragmentada, um dormente de mó em granito [FCORV-A 2869] (Fig. 14), encostado junto ao limite oeste da fossa, com a superfície activa para baixo e dois polidores/moventes (Fig. 15) [FCORV-A 2866 e 2867] em xisto.

No ângulo noroeste da área escavada, uma vez removida a UE.575, verificou-se que, em G13 existia uma estrutura empedrada [UE.581] limitada a oriente por uma laje de xisto colocada de cutelo. A fossa UE.579 continua, agora limitada a G14, sendo preenchida por pedra de pequena e média dimensão disposta na horizontal, incluindo termoclastos em quartzo e alguma olaria fragmentada [UE.580]. Esvaziado este enchimento pétreo a fossa termina no afloramento dos xistos de base [UE.552] (Fig. 18).

Sob a UE.152, nos quadrados HIJK11/13 e KL8/9, a limpeza cuidadosa desta área anteriormente aberta revelou uma série de estruturas pétreas numa matriz de terras castanho-escuras (10YR4/3) muito compactas (Fig. 19). Pela sua compactação e homogeneidade



Fig. 14 – Dormente de mó manual em granito [FCORV-A 2869].



Fig. 15 – Polidor/movente de mó manual em xisto [FCORV-A 2866].

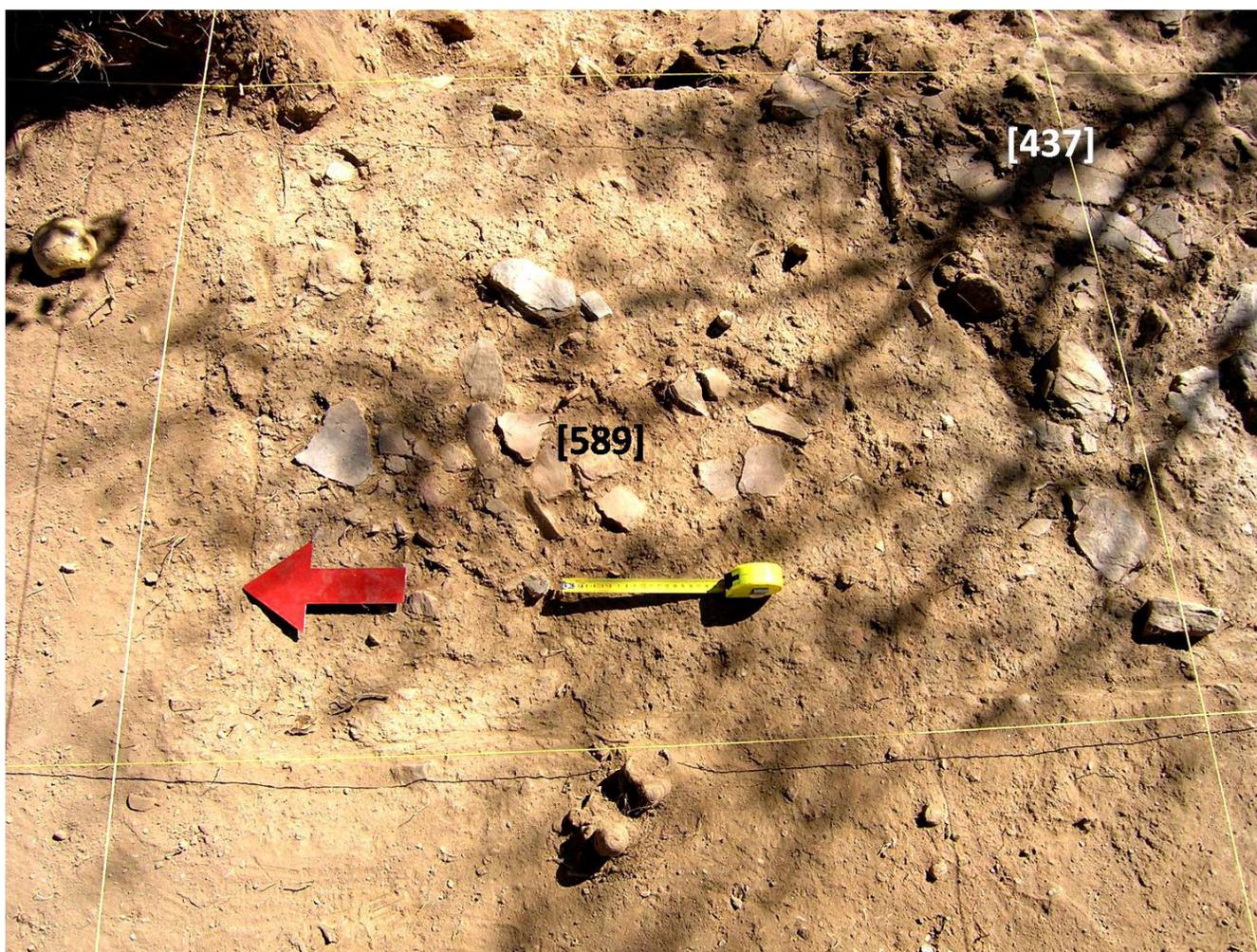


Fig. 16 – Momento de detecção da “lareira” UE.437 e da fossa UE.590/589.



Fig. 17 – Fase final de escavação da fossa UE.590 com o dormente de mó[FCORV-A 2869]

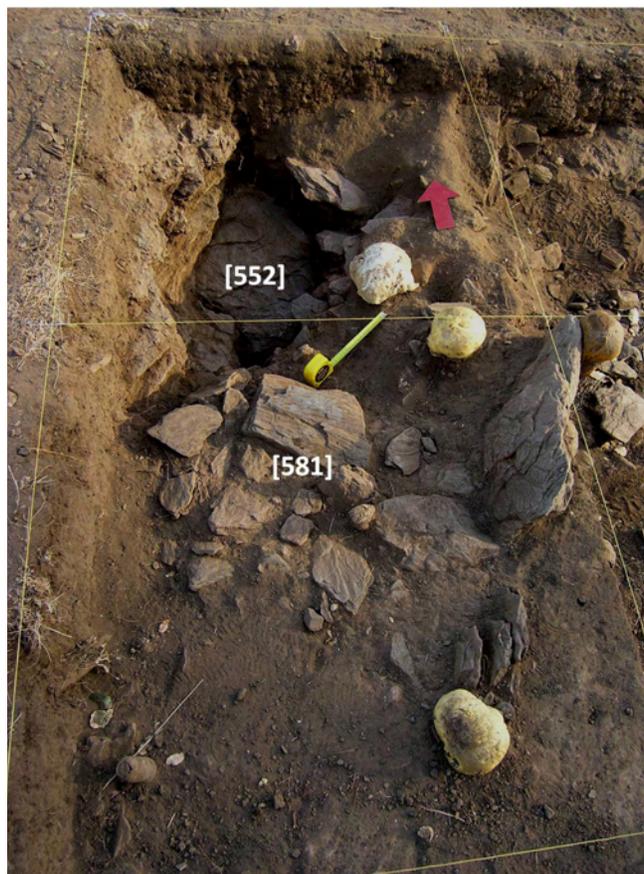


Fig. 18 – As estruturas sob a UE.275, no final da campanha.



estas terras poderão constituir um piso conservado, semelhante à UE.467 localizada em KL8/9, igualmente sob a UE.152 (Fig. 20).

UE. 467 – Camada de terras argilosas castanho claras (10YR4/4) muito compactas, localizada em KL8/9, englobando alguns termoclastos e raros nódulos de argila queimada (restos de barro de revestimento? – cf. Fig. 19). Apresenta-se desagregada e remexida na sua zona central [UE. 592].

UE. 490 – Estrutura pétrea formando parte de um arco disposto no sentido sudoeste/nordeste em H12/13. É constituída por blocos de xisto de médias dimensões dispostos na horizontal e ligeiramente inclinados.

UE. 490 – Estrutura pétrea formando parte de um arco disposto no sentido sudoeste/nordeste em H12/13. É constituída por blocos de xisto de médias dimensões dispostos na horizontal e ligeiramente inclinados.

UE. 491 – Estrutura pétrea aparentemente sub-circular em IH11, formada por pedras de xisto de dimensões médias a pequenas, contendo termoclastos de xisto e quartzo numa matriz de terras compactas castanho-amareladas escuras (10YR4/4), com manchas rubefactas [UE. 549]. Pode tratar-se de uma base de lareira.

UE. 486 – Estrutura pétrea sub-retangular, em J11/12, com 80 cm no sentido WSW/ESE por 50 cm no sentido SSW/ENE, limitada por blocos de xisto de médias dimensões dispostos tanto na horizontal como na vertical, preenchida por blocos de xisto de pequenas e médias dimensões e termoclastos de quartzo.

UE. 487 – Estrutura pétrea sub-circular, em K11, constituída por blocos de xisto de médias dimensões dispostos na horizontal.

UE. 488 – Buraco de poste estruturado por três calços de xisto de médias dimensões e colocados verticalmente, em K11, preenchido por terras muito soltas argilosas e orgânicas [UE. 489] cinzentos-acastanhadas (10YR3/2).

A caracterização e compreensão das diferentes relações entre estas estruturas dependem da continuação da sua escavação uma vez que nos limitámos a defini-las superficialmente.

A Fase 6 identificada neste espaço corresponderá à Cabana 1 cujo solo [UE.157] ainda não foi desmontado.

3.5. Os materiais recolhidos e o respectivo enquadramento cro-
nocultural.

O ambiente cultural documentado na escavação das Fases 2, 3, 4 e 5, únicas com materiais associados até à data, caracteriza-se por produções cerâmicas que, para além das formas correntes, apresentam recipientes com decorações de “tradição Campaniforme”, impressas a pente, juntamente com taças de “tipo Cogeces ou Protocogotas” que por vezes combinam decorações, conjugando estilos, pontilhadas geométricas e impressas a punção ocasionalmente com preenchimento a pasta branca.

A indústria lítica talhada³, incide sobretudo em quartzo e xisto anfibólico e engloba elementos de foice denticulados, pontas de projectil, furadores e raspadores.

A fauna, representada pelos restos osteológicos recuperados nas Cabanas 5 e 9 em ambiente da Fase 3, engloba *Bos taurus*, *Ovis/ Capra*, *Cervus elaphus* e *Sus sp.* (porco ou javali, mais provavelmente o segundo). Com claro predomínio das espécies domésticas sobre as selvagens, mesmo atribuindo a totalidade dos restos de *Sus* ao javali.

³ Em estudo preliminar por Daniela Matos.

Quadro I
Restos de Fauna identificados

Cabana 5		Cabana 9	
Género / Espécie	Nº	Género /Espécie	Nº
Ovis / Capra	3	Ovis / Capra	2
Bos Taurus	4	Bos Taurus	1
Sus sp.	2	Sus sp.	1
		Cervus Elaphus	1

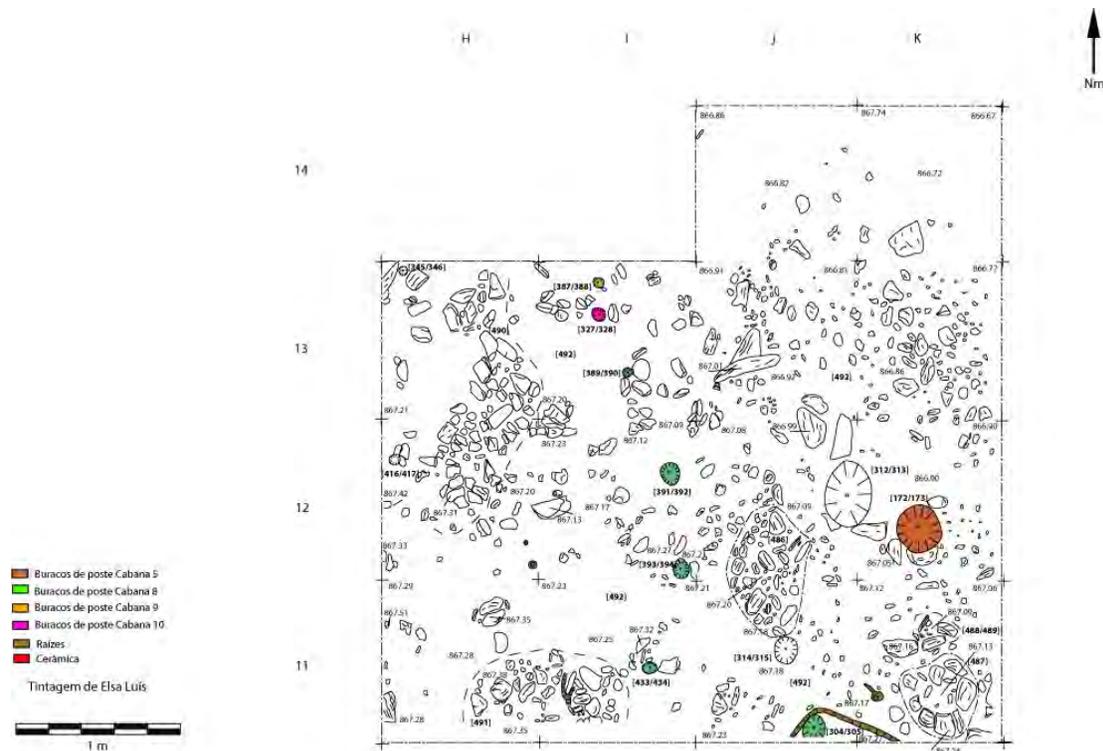


Fig. 19 – Planta, ao nível de detecção nos quadrados HIJK11/13, do conjunto de estruturas pétreas sob a UE.152.

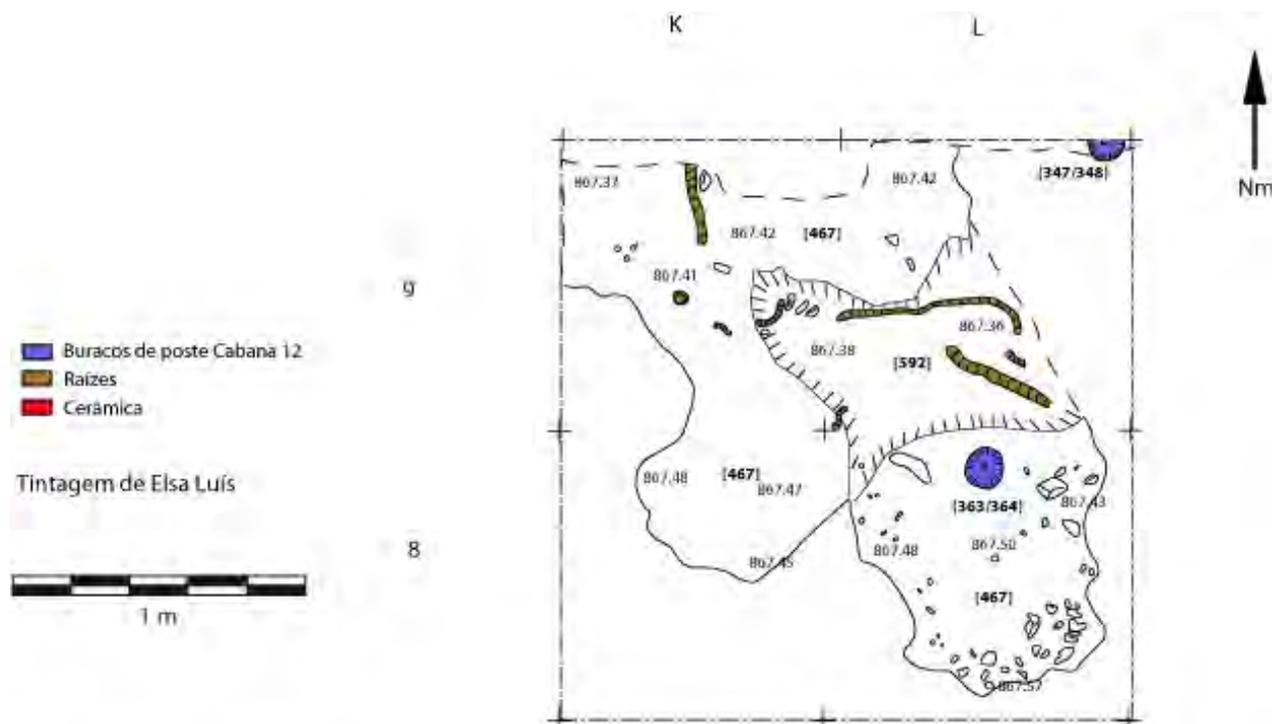


Fig.18 – As estruturas sob a UE.275, no final da campanha.

Sem que a quantidade de restos recolhidos permita ir muito mais longe, parece-nos contudo de salientar que estes dados podem ser paralelizados com os obtidos para as faunas da ocupação da 1ª Idade do Bronze do Buraco da Moura de S. Romão (Cardoso, Senna-Martinez e Valera, 1995 e 1995/1996).

A associação de olaria decorada de tradição campaniforme, até à data identificada em todas as fases e praticamente todas as cabanas escavadas, juntamente com formas e decorações típicas do “Mundo Cogeces” constitui um argumento poderoso para enquadrar este povoado num momento relativamente antigo da Primeira Idade do Bronze, eventualmente no segundo quartel do segundo milénio a.C.

À evidência contextual disponível, que nos permite considerar a Cabana 4 e o Alpendre anexo – uma vez confirmados, para os restantes elementos metálicos descobertos, os resultados analíticos obtidos para o primeiro pingo de fundição recuperado em 2004 – como uma área de fundição de bronze (“melting” – Senna-Martinez, et al. 2010), somam-se agora as evidências recuperadas para a Fase 3 que nos fazem suspeitar de que além da fundição talvez possa encarar-se que também a redução de minérios de cobre e estanho (“smelting”) possa aí ter tido lugar.

Assim, a ser correcta a nossa proposta de cronologia, estaremos em presença de um dos mais antigos povoados com evidência de produção de bronzes conhecidos no território português e, eventualmente, peninsular.

O que este local nos documenta, pela própria modéstia dos dados disponíveis, é uma produção que pode interpretar-se como de “tipo doméstico” e em pequena escala (Senna-Martinez, et al. 2007).

Esperamos, desta forma, que a continuidade de estudo deste arqueosítio nos permita enquadrar o mundo dos depósitos da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental já não só como achados avulsos de conjuntos metálicos mas também como parte de um todo social caracterizado multidimensionalmente.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus
- BÁRTHOLO, M.L (1959.) “Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança”, in: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Vol. I, pp.431-39
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C., (1995) - “Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos da Unidade Estratigráfica 4 da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de S. Romão (Concelho de Seia)”, in: *Actas do III Encontro do Quaternário Ibérico*, Coimbra, pp. 457-460
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C., (1995/96) - “Aspectos da Economia Alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos das «Salas 2 e 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia)”, in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4, Lisboa, Colibri, p.253-261.
- CARVALHO, A.F. (2004) – “O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”, in: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1), pp.185-219
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. & MICÓ, R. (1996) – *Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE)*, Oxford, TEMPVS REPARATVM, «BAR International Series», 652
- GEIRINHAS, F.; GASPAS, M.; SENNA-MARTINEZ, J.C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C (no prelo) - Copper isotopes on artifacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance. *V Symposium Internacional «Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo»*, León (España), 19-21 June 2008

- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002) – “Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX”, in: *Arqueologia 2000: Balanço de um século de Arqueologia em Portugal*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.103-124
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2007) – “Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na Fachada Atlântica Peninsular”. In: *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras, Câmara Municipal, p.119-134
- SENNA-MARTINEZ, J. C. e Luís, E. (2009) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008)”. In: *Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 6*, p.69-79.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – “A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros”, in: *Cadernos «Terras Quentes»*, 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.32-58
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatas” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental”, in: *Cadernos «Terras Quentes»*, 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81
- SENNA-MARTINEZ, J.C. *et alii.* (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3*, pp.61-85
- SENNA-MARTINEZ, J. C. *et alii.* (2007) – “Bronze Melting and Symbolic of Power: The Foundry Area of Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal)”. In: *Proceedings of the 2nd International Conference “Archaeometallurgy in Europe”*. Aquileia, Italy, 17-21 June 2007
- SENNA-MARTINEZ, J. C. *et alii.* (2010) – “«Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal)”. In: A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117.